

Alfabetização em 69

Maria da Conceição Moita



Foi há 50 anos. Deixo aqui uma curta nota daquilo que a memória guarda. No começo de 1969 participei numa série de sessões organizadas pelo Graal e orientadas por Manuela Silva e Lindley Cintra, no sentido de capacitar um grupo para começar a desenvolver em Portugal alfabetização de adultos, segundo o método de Paulo Freire. Não me esqueço do entusiasmo que provocou em mim. Aprendi a usar uma ferramenta que considerei muito poderosa: **utilizar um modo de convivência que levava à aprendizagem da leitura e da escrita e simultaneamente à tomada de consciência dos alfabetizados do poder que têm, pela mudança de perspectivas que propiciava.**

Quando as sessões terminaram fui imediatamente contactada pelo Graal: tinham recebido um telefonema do Movimento “o Ninho” para lhes indicarem alguém que quisesse ir fazer alfabetização a mulheres que, tendo deixado o meio da prostituição, se encontravam num Lar de Acolhimento, até encontrarem um quadro de vida que lhes permitisse uma vida autónoma e uma estabilidade emocional. Lembraram-se de mim. Talvez eu quisesse assumir essa tarefa. Aceitei com algum estremecimento dentro de mim. E consciente do que isso implicaria de atenção, de trabalho, de solicitude com pessoas muito feridas. Fui ao Lar jantar duas ou três vezes. Conheci o grupo em ambiente de descontração. Quando já me tratavam pelo nome, disse qual a proposta do Ninho para as que nunca tinham ido à escola. Eram seis ou sete. Começamos a encontrar-nos 3 vezes por semana ao fim da tarde. Entretanto, eu própria fui fazendo uma aprendizagem sobre qual a missão do Ninho, qual a realidade do mundo da prostituição



em Portugal nesses tempos, quais os principais problemas das mulheres que viviam mergulhadas nesse mundo e como era difícil libertarem-se dessas malhas.

Nesse caminho que fui fazendo muito devo às profissionais e voluntários que trabalhavam no Ninho e obviamente com as mulheres que fui contactando.

Começaram os encontros de alfabetização e eu ainda a tactear. Lembro-me de adaptar à circunstância algumas *palavras geradoras*. Por exemplo a palavra *chuva* foi substituída por *chulo*. Mas o que recordo mais vivamente é a intensidade das conversas conscientizadoras em que cada uma queria tomar a palavra em cada momento. Foi difícil a aprendizagem de ouvir as outras até ao fim dos seus discursos. E para mim um esforço grande por acompanhar cada uma das falas, onde a emoção saltava por todos os lados. Ajudar a transformar a emoção forte em tomada de consciência da realidade pessoal e social, cabia-me a mim. Mas foi evidente o percurso que levou o grupo a intervenções mais serenas, a abordagens mais reflexivas, a um entendimento do que podia ser mudado se cada uma de nós se fizesse protagonista da sua história e da vida de todos.

Lembro também da fase em que cada uma, portadora de saberes, começou a ensinar ou a fazer tarefas num ambiente de troca não muito consciente. Uma mulher tinha aprendido a ser manicura – arranjou-me as unhas como uma profissional, outra sabia cozinhar pratos regionais que executava quando estava de escala na cozinha, e ainda outra sabia uns rudimentos de crochet que ensinava quando lhe pediam.

Este processo durou até ao verão desse ano. Fui para férias e quando regresssei fui desafiada pela equipa do Ninho para ficar a trabalhar a tempo inteiro e já não enquanto voluntária. De novo aceitei. A proposta era então responsabilizar-me pelo *Trabalho em Meio Aberto*, abrir um *Centro de Acolhimento* no Bairro Alto e liderar toda a actividade realizada por voluntários e profissionais no âmbito dos primeiros contactos com as mulheres que ainda se mantinham no meio da prostituição. Devo dizer que foi dos trabalhos mais exigentes e entusiasmantes que realizei na minha vida. E desse tempo guardo intensas memórias.

No Centro de Acolhimento uma Professora do Ensino Básico garantiu o processo de alfabetização. E Paulo Freire foi inspiração permanente.